

Originalmente para: "O Sonho no Armário", do suplemento "Das Artes, das Letras" de *O Primeiro de Janeiro*, 8-10-2007 (excepto as duas resenções que vão em caixa).



Teresa Guedes (1957 – 2007)

Maria Teresa Guedes nasceu em 1957. Licenciada em Filologia Germânica pela Faculdade de Letras do Porto, concluiu, em 1988, a sua formação em serviço, da qual fez parte o estudo, apresentado à Escola Superior de Educação do Porto, que mais tarde viria a resultar na obra *Ensinar Poesia* (ASA, 1990). Foi professora efectiva do 2º ciclo do ensino básico em escolas públicas de Vila Nova de Gaia, onde vivia, e dedicou-se à dinamização de oficinas de escrita criativa, para docentes e alunos. Desde a sua estreia em livro, publicou três títulos de poesia para jovens (*Em Branco*, 2002; *Real... mente*, 2005; e *Tu Escolhes*, 2007) e diversas obras de incentivo à escrita de intenção literária em contexto educativo. Escrevia, versos, contos, crónicas. E amava a vida. Deixou-nos repentinamente em 25 de Setembro deste ano, com uma obra por completar, uma obra ainda por cumprir. Marcada pelo humor e pelo dom da invenção e do jogo linguísticos, a sua escrita poética evidenciava também uma ironia discreta e um fundo sentido do humano, a que não era estranha uma notória agudeza na observação das relações entre pessoas.

A memória do luminoso ser que era e a importância dos livros que nos legou são motivo mais do que suficiente para aqui lhe rendermos afectuoso e merecido tributo.

Teresa, um “bicho-da-sede”

José António Gomes*

Se eu fosse...

*Se eu fosse tula
gostaria de te enovelar
suavemente
numa neblina de mistérios.*

*Depois, ficarias ali, de pé,
majestosa numa seara
até que eu chamasse o vento.*

Teresa Guedes
Criatividade Precisa-se (2000), p. 48

Conheci a Teresa há muitos anos. Tínhamos sido colegas de faculdade, depois foi ela minha aluna, na disciplina de Metodologia do Ensino de Português, no contexto da Formação em Serviço (mas eu, confesso, é que aprendia com ela...). Obteve, é claro, a classificação mais elevada do seu ano. Estávamos em 1988. Mas colaborámos mais tarde, como Amigos, como iguais, em projectos de trabalho comuns, porque sempre reconheci nela uma personalidade em quem se conjugavam diversas qualidades: a afectuosa generosidade, a capacidade de entrega ao trabalho criativo e o dom da invenção verbal. Além de um sentido de humor e um misto de irreverência e de inteligência crítica patentes, aliás, na poesia e nos escritos de natureza pedagógica e didáctica que a sua vida – com tanto ainda para oferecer – nos deixou. (Não merecias, Teresa, não merecias, tu que amavas a vida, as viagens, os livros, e que tanto te orgulhavas do talento artístico da Teresinha...).¹

Era uma leitora inveterada, uma conhecedora da poesia e da ficção contemporâneas, com uma paixão pela escrita de António Lobo Antunes que motivara correspondência e esporádicos encontros de ambos. Mas era sobretudo uma criativa (em estado puro, diria), possuindo um espírito e um “olhar de poeta” que se exprimiam de modos diversos, em especial em narrativas e poemas na sua maioria inéditos. São excepções os livros de poesia para jovens *Em Branco, Real...mente* e *Tu Escolhes* (2002, 2005 e 2007, respectivamente) que um editor sensível – José Oliveira – fez questão de trazer a lume, com a chancela da Caminho.

* NELA – Núcleo de Estudos Literários e Artísticos da Escola Superior de Educação do Porto; ELOS – Associação Galego-Portuguesa de Investigação em Literatura Infantil e Juvenil

¹ Neste artigo, reutilizei, em parte, a recensão que publiquei no suplemento “Das Artes das Letras” de *O Primeiro de Janeiro*, no ano de 2000. Alterei-a e acrescentei texto. E, sobretudo... modifiquei o tempo dos verbos. É tão doloroso fazê-lo, tão doloroso, neste caso, ser obrigado a utilizar o pretérito. É que, ao falarmos de “bichos-da-sede”, deveríamos sempre usar o futuro. Porque a sede... a sede aponta sempre para o tempo que há-de vir.

(Recordo uma composição (p. 38) do segundo livro, agora, Teresa, que te converteste num desses “vultos” tutelares que me tiram os óculos quando adormeço a ler:

*“Há sombras simpáticas
que te fecham o livro
e te tiram os óculos
quando adormeces,
que te acendem a luz
quando tens pesadelos.
Estão sempre vigilantes.
Mas quando a Lua se casar com o Sol
e não houver dia nem noite
elas adormecerão também.”)*

Lembro ainda outros textos em verso e em prosa, dispersos em jornais e antologias ou publicados, aqui e acolá, nos seus livros de índole pedagógica e didáctica e no manual escolar *Mil Folhas* (Lisboa Editora, 1992) de que foi co-autora com Maria Elisa Sousa e comigo (embora o meu nome esteja ausente da capa e da ficha técnica por razões que não cabe trazer aqui). A veia criativa da Teresa manifestava-se ainda nas oficinas de escrita que organizava para professores e alunos (por isso, várias vezes a convidei a intervir em encontros). E, claro está, nas suas aulas de Português, porque era uma extraordinária professora, que fazia emergir dos seus alunos o que de melhor existia em cada um deles, e em cujo magistério se fundiam todas as qualidades enunciadas. (Contava-me Maria José Alves Pereira – sua orientadora pedagógica em 1987-88 – que por vezes, quando tocava para sair, os alunos da Teresa preferiam continuar na aula, a jogar, a escrever, a desenhar... E não eram crianças da pequena burguesia urbana, mas pobres meninos da aldeia, no Marco de Canaveses de então.)

Pouco dada ao burilar, a minha amiga, insisto, era uma criativa em estado puro. Em alguns dos seus escritos, gostava de se auto-retratar como um “bicho-da-sede”. Sede de viver, de criar, sede de “um pouco mais de azul” (como queria Mário de Sá-Carneiro). E é triste que, até à súbita morte, no passado dia 25 de Setembro, o seu talento apenas tenha encontrado modo de publicamente se exprimir através das recolhas poéticas mencionadas e de cinco outros títulos que editou, todos eles centrados no desenvolvimento de competências de comunicação e criação poética em crianças de 10 a 12 anos. Recordo os volumes publicados: *Ensinar Poesia* (ASA, 1990), já com várias edições, uma das poucas obras disponíveis em Português sobre o ensino da poesia no 2º ciclo do Ensino Básico, e título obrigatório em qualquer bibliografia sobre o tema; *Palavromanias: a poesia e a aula de Português* (Porto Editora, 1993), manual prático de técnicas e jogos destinados a incutir nos alunos o gosto pela escrita poética; *Composição – Oh, não!* (Caminho, 1997), outro trabalho em que se encara a escrita como competência a ser trabalhada na escola com um misto de espírito lúdico e de seriedade, quer através de actividades de aperfeiçoamento de texto ou de aquisição de técnicas e modelos, quer por meio de exercícios de escrita expressiva e lúdica. (Subjacente, contudo, a todas as propostas da autora uma regra de ouro: o aborrecimento está proibido de espreitar à porta da sala de

aula.). *Criatividade Precisa-se* (Caminho, 2000) seria o quarto livro editado, numa linha de preocupações que não se afastava do percurso iniciado em *Ensinar Poesia*. E o mesmo se pode dizer sobre *Poetas Difíceis: um Mito* (Editorial Caminho, 2002). Em mente tinha ainda outros projectos.

Escolho *Criatividade Precisa-se* cujo subtítulo – *na poesia, na narrativa e na área de projecto* – propõe aos professores um diversificado leque de exercícios, formulados de modo a permitir a utilização directa pelos alunos. O principal propósito é desenvolver nestes a criatividade, tanto na escrita de textos de intenção poética e de tipo narrativo como no quadro das actividades da chamada “Área de Projecto”. Neste segundo âmbito, a autora procura romper com rotinas instaladas, com pequenas mediocridades facilitistas e com certa falta de imaginação que impera nas nossas escolas quando se trata de encontrar temas e problemas que sirvam de pontos de partida para actividades de índole investigativa e formativa. Actividades essas cuja orientação, neste livro, vai buscar elementos à metodologia do trabalho de projecto, numa óptica pluridisciplinar e de educação para a cidadania que não perde nunca de vista o necessário cumprimento dos programas escolares, designadamente o de Língua Portuguesa. A primeira parte da obra sugere temas, estratégias e actividades, fornece textos e materiais visuais passíveis de tornar apetecida a escrita poética, e aliciante e consistente a aprendizagem da escrita narrativa. Entre outros aspectos que mereciam referência, saliento o talento da autora, em particular nos jogos poéticos que concebia, dando relevo quer às dimensões fonico-rítmica ou visual da escrita, quer ao plano propriamente semântico, ou mesmo estimulando à descoberta de modos menos comuns de olhar e sentir as coisas. (Teresa, Teresa, como doem hoje as saudades das tardes em que nos divertíamos, eu e a Elisa – que inventou o riso –, lendo os ousados desafios de escrita que imaginavas para o nosso *Mil Folhas* – foste tu quem inventou o título –, esse manual escolar por isso inadoptável, com capa do Henrique Cayatte e ilustrações da Leonor Machado!)

Na sua maioria, as propostas de trabalho do livro editado em 2000 partem de exemplos que oscilam entre a notícia de jornal, o texto radiofónico, a canção, os escritos de crianças e o texto literário. Este, enquanto modelo fomentador da criatividade, possui um peso determinante que merece realce (é possível ler aqui autores como Gonçalves Crespo, Aquilino Ribeiro, Irene Lisboa, José Gomes Ferreira, Vergílio Ferreira, Alexandre O’Neill, Sophia, Manuel Alegre, Herberto Helder, Melo e Castro, Lobo Antunes, Alice Vieira e muitos outros). Imaginativos e bem-humorados, os textos de alunos transcritos em várias páginas deste e de outros livros são, é certo, a prova da singular professora de Português que a Teresa era. Mas, juntamente com outros elementos contidos na obra, dão-nos também a garantia de que estas propostas não eram produto das lucubrações de uma qualquer mente “iluminada”, isolada na solidão do seu gabinete, mas de alguém que indirectamente desafiava quem a lia a experimentar o que ela própria pusera em prática e testara no terreno.

Quase sem desvios para o campo da teoria (porque a Teresa era uma intuitiva e preferia a literatura à crítica, embora gostasse muito de Bachelard), *Criatividade Precisa-se* é, por tudo o que fica dito, um instrumento de trabalho de extrema utilidade para professores de Português do Ensino Básico e, naturalmente, para os respectivos alunos. Nas palavras da autora, torna-se necessário aprender a activar a imaginação das crianças,

a fim de provocar “uma lufada de ar fresco” nas aulas de Português. Mas pode dizer-se também que Teresa Guedes, desde o seu primeiro livro, não desistia de perseguir aquele propósito a que Jacinto do Prado Coelho (em 1943; v. 2ª ed., Coelho, 1999: 319 e 321) soube dar formulação exemplar: “O fito do educador será formar artistas, quer dizer, homens amplamente humanos, que amem a vida, que a vejam no que tem de essencial, que lhe descubram o sentido de eternidade, que a vivam alegremente, plenamente, criadoramente. (...) Toda a educação deverá ser poética, como deve ser científica; afectiva como deve ser intelectual.”

(Teresa, Teresa, cá ficarei, mais sozinho, a “contar estrelas em ti”, como sempre fizemos um em relação ao outro. Como fiz quando um dia decidi dar a uma colectânea de poesia que tinha concebido – e onde figuravam poemas teus e de outros – um título que era, afinal, este teu verso desafiador: “*Conto estrelas em ti*”. Agora, que a tua estrela se foi cobrir de tule para outros céus (como gostavas do tule!, e da palavra), agora que já não bates à minha porta a oferecer prendas, deixa que os teus livros e a tua memória te mantenham um pouco mais de tempo na nossa companhia. De preferência, por muitos e muitos anos.)

Referência bibliográfica

► Coelho, Jacinto do Prado (1999). *A Poesia de Teixeira Pascoaes seguido de A Educação do Sentimento Poético*. Porto: Lello.

Real...mente

Maria Elisa Sousa*

Cada vez mais valiosa essa coroa de palavras que te faz rainha de um trono só teu. São os dias de riso, as horas de loucura cúmplice, os momentos de impossíveis feitos, o *nonsense* cheio de sentido, que realmente recordo quando folheio esta tua *Real...mente*¹. E, realmente, não consigo deixar de ouvir o teu riso cristalino e corro atrás da tua mente em sessão contínua, real...mente, sem realeza, mas da maior subtileza.

Da tua mente, saem pérolas que dão brilho aos cinzentos dias e deixam um largo sorriso no avesso do respeitinho. Desafias os ventos e as marés com provocações fumegantes e fazes da palavra a surpresa, o sal, o sol, o riso, a ponte para o paraíso. As estrelas verdes dos teus olhos acendem as palavras que brilham em cada verso e saltam de página em página.

Gosto do teu "vento", sorrio com a tua "surpresa", adiro ao teu "regime alimentar", sinto o calor do poema "fumegante", rendo-me aos "caprichos" enamorados e coloridos, pinto uma canção com o teu "lápis", faço um "pé-de-meia" para os dias sem imaginação, desvendo "mistérios" e "magias", fico nas nuvens no teu "céu", sossego com os "vultos" vigilantes, adormeço com o "poema de amor", sonho que cada dia há-de ser "uma viagem". Sento-me na esplanada e peço "uma chávena de sossego; duas colheres de atenção".

Entramos no teu paraíso e vemos-te rainha de um trono com asas, a voar de cabelo em cabelo para agitar cabeças com ventos pensantes. Um paraíso que inventas e reinventas a cada instante, com janelas largas para a fantasia, irmã maior da vida.

No teu reino, envolves-te no mais fino tule e brincas às coisas sérias, perda de riso. Entras um "bilhete de amor", descobres a bússola que te leva até à lua, em busca do brilho que finta o medo. Com dedos finos de ternura, acendes uma vela para celebrar a "hora mágica". Com asas em descanso, segredas à almofada que o "Verão aconteceu dentro de ti".

* NELA – Núcleo de Estudos Literários e Artísticos da Escola Superior de Educação do Porto. Autora, com Teresa Guedes, do manual escolar de Língua Portuguesa *Mil Folhas* (Lisboa Editora, 1992).

¹ *Real... mente*, de Teresa Guedes, livro de poemas para jovens ilustrado por Rachel Caiano, foi publicado pela Editorial Caminho, em Setembro de 2005.

A Contar Estrelas com Teresa Guedes

Sara Reis da Silva*

*“um silêncio ficou suspenso
por palavras que também quiseram
voar.”*

Há vários anos que Teresa Guedes anda de mãos dadas com a poesia, amando-a, animando-a, por exemplo, em contexto de oficinas de escrita, e cultivando-a em forma de livro em duas originais colectâneas. Ambas com a chancela da Caminho, *Em Branco* (2002) e *Real... mente* (2005) são os espaços de papel em que a autora generosamente nos proporciona o convívio com a sua escrita poética.

Lembremos, aliás e antes de mais, que não são estes dois livros os únicos testemunhos da criatividade de Teresa Guedes. A escrita de alguns textos breves, publicados em obras colectivas, reflectem também essa forma especial – amável, imaginativa e inovadora – de tratar as palavras. Releiam-se, por exemplo, “Avionar” e “Viagens” – poemas integrados em *Conto Estrelas em Ti* (Campo das Letras, 2000), colectânea poética coordenada por José António Gomes e ilustrada por João Caetano –, a narrativa breve «Levitar» – texto escrito com base numa ilustração de Inês do Carmo para o catálogo *A Casa dos Sonhos* (Fundação Bissaya Barreto, 2003) – ou, ainda, *Zap*, microconto incluído na colectânea homónima, “um livro de histórias e poemas pela Paz” (Pelouro da Educação e Cultura da Junta de Freguesia de Santo Ildefonso, 2004).

Em Branco é, quanto a nós, um caso exemplar de como a poesia – a poesia de qualidade – não restringe o seu destinatário ou, por outras palavras, não se destina a leitores de uma faixa etária única e exclusiva. A pluralidade de sentidos e os diversos níveis de leitura que os poemas aqui reunidos e emoldurados a branco possibilitam sustentam as potencialidades receptivas deste livro.

Nesta obra, a palavra poética surge “composta”, moldada, habilmente “negociada” a partir da percepção sensorial de diversos elementos resgatados ao mundo. Com efeito, os poemas de “Em Branco”, embora tenham como motivo basilar ou aglutinador o branco / ausência de cor, referencialidade temática anunciada logo pelo título da colectânea, espelham as várias faces dessa espécie de experimentação ou de olhar renovado sobre alguns seres e objectos, mais ou menos familiares, marcados, antes de tudo, pela alvura.

A par de uma interessante reinvenção lexical – como, nos poemas “Luz” e “Teclado do piano”, as palavras “idealuzir” (Guedes, 2002: 22) e “en-cantar” (idem, *ibidem*: 36), respectivamente –, de um tom cómico e, por vezes, irónico – releiam-se, por exemplo, os poemas “Folha de papel” (idem, *ibidem*: 11) e “Cegonha” (idem, *ibidem*: 65) –, observa-se

* IEC / Universidade do Minho

o tratamento de temáticas pouco comuns na poesia infanto-juvenil (como o sentimento amoroso, o sensualismo ou a sedução, por exemplo). É nesta medida que julgamos, ao ler de perto esta colectânea, que, para o sujeito lírico, falar do real parece representar, em última instância, um pretexto para falar de si mesmo e da sua relação íntima com o Outro, como acontece em “Malmequer”:

“Dispo-te de branco:
pétala por pétala
para saber ansiosamente
se o meu amor me fará
o mesmo, algum dia.” (idem, *ibidem*: 53).

Na verdade, o que se evidencia, nesta obra de Teresa Guedes, é uma redefinição poética de elementos, aparentemente “apoéticos”, cuja dimensão sinestésica é, assim, colocada à vista de todos, numa tentativa de superação das imagens imediatistas que, por vezes, captamos das coisas. A partir de um discurso condensado, metafórico e, em alguns casos, simbólico, os textos de *Em Branco* convidam à “invenção de prazeres”, a “ouvir e a respirar” o ar puro da poesia.

Como em *Em Branco, Real... mente* motiva, desde o início – desde este título –, à aceitação de um singular pacto de ficcionalidade, decorrente, em primeira instância, do inovador jogo com a totalidade do vocábulo “realmente” e a possibilidade significativa que a sua cisão promove. De facto, nesta colectânea, o real é realmente fingido, mentido ou posto a viajar pela imaginação de um sujeito poético que se aventura, cheio de boa disposição, pelos caminhos da recriação do mundo, de vários mundos.

Com uma estrutura bipartida, determinada pela sugestão de um receptor distinto ao nível etário – a primeira parte intitula-se «Para os mais novos» e a segunda «Para os mais crescidos» –, o livro *Real... mente* guarda um conjunto de poemas nos quais se deixa transparecer, uma vez mais, um gosto profundo pelas palavras e por aquilo que de divertido estas escondem. A emoção e o prazer da invenção poética são aqui facilmente pressentidos, materializando-se, por exemplo, no carácter lúdico e num leve humor, que intencionalmente se estende e apela ao leitor, como se nota, por exemplo, no poema “O dom das palavras”:

“Escrevo a palavra *girafa*
e tu esticas o pescoço.
Escrevo a palavra *cachecol*
E tu enroscas-te como um caracol.
Escrevo a palavra *gripe*
E tremes debaixo do lençol.
Escrevo a palavra *porta*
E tu sais a correr deste poema
Que te pareceu coisa bem torta!” (Guedes, 2005: 14).

Mesmo na segunda secção da colectânea, vocacionada para leitores mais experientes, encontramos não só um criativo ludismo, espelhado, por exemplo, nos ensaios poéticos concretistas, experimentais ou visuais (“Gotas”, “Lua” e “Bilhete de amor”) e nos acrósticos (“Quando queres voar?” e “É a nossa hora mágica”), mas também uma propensão especial para as formas breves e fortemente metafóricas, como em “De repente...”:

“Não precisas de um calendário
Para saberes quando o Verão
Aconteceu dentro de ti...” (idem, *ibidem*: 53)

Nesta obra, como em *Em Branco*, a poesia faz-se, pois, de emoções, de humor e de um sensualismo que é, aliás, quanto a nós, um dos aspectos distintivos da escrita da autora.

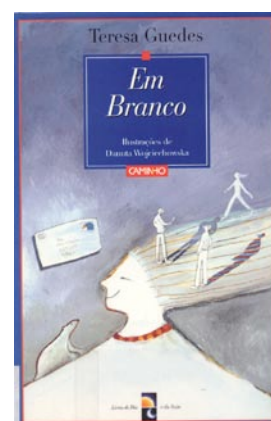
O regresso a *Em Branco* e a *Real... mente* representa, assim, um reencontro com a liberdade imaginativa, com o entusiasmo (em muitos sentidos) e com a sensibilidade de Teresa Guedes. A alegria e o “bater do coração” que destes textos parecem soltar-se não deixam o leitor indiferente. E é isso que distingue a verdadeira poesia, a poesia que faz contar estrelas.

Em Branco

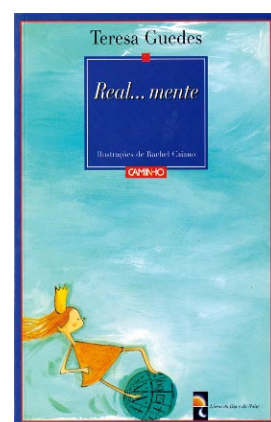
Teresa Guedes

Na colectânea de poesia de Teresa Guedes têm lugar de destaque as formas breves e muito breves, algumas com ressonâncias do haiku, propondo uma poesia da contenção e da sugestão. Além disso, a poesia resulta, em muitos textos, de uma ligação próxima, mas original, ao quotidiano. A cor que dá título ao livro também funciona como elemento de coesão da publicação, assumindo-se como prisma através do qual o real é observado e recriado. Mas é inevitável a conotação simbólica da cor escolhida, associada à pureza e também à infância, orientando a colectânea para um universo facilmente associado ao inefável e ao etéreo.

► *Em branco*, Teresa Guedes, Danuta Wojciechowska (ilustrador), Caminho, Lisboa, 2002, 972-21-1477-8



► *Real... mente*, Teresa Guedes, Rachel Caiano (ilustrador) Caminho, Lisboa, 2005, 972-21-1740-8



Real... mente

Teresa Guedes

Colectânea de poesia dedicada aos jovens e aos mais crescidos, *Real...mente* constitui um exercício poético singular em torno das palavras e dos conceitos que elas designam, sublinhando a magia da linguagem e revelando, por parte da autora, uma especial capacidade de olhar o mundo a partir da perspectiva da criança. Os temas são muito variados e contemplam inúmeros aspectos do quotidiano, incluindo a família e a escola. Os textos destinados aos mais crescidos revelam influências da poesia visual e concreta, ao mesmo tempo que revisitam universos clássicos, como é a questão do tratamento da temática amorosa. Inclui ilustrações de Rachel Caiano, marcadas pela subtilidade com que se articulam com os textos, que confirmam Teresa Guedes como uma das mais originais poetisas portuguesas contemporâneas.

Luzes

Teresa Guedes*

Peguei no carro ou o carro pegou em mim?

Vermelho. Uma pausa para divagar.

E se o semáforo mudasse para dourado e prateado? Olhei para as caras dos condutores a meu lado. Não, actos criativos destes só os fariam chocar.

Nasci na cidade e ela continua incomodamente a reter-me.

Relembro uma cantilena de pastor: "A prata reluz, o ouro seduz, para a minha vida momentos de luz."

Mais um flash: canteiros trabalhados, a terra bordada nas minhas unhas e nos olhos um arco-íris a rebentar.

Verde. Avanço. Mas não o suficiente para vindimar a luz. Ainda é Verão, trinta e oito graus e finalmente chove. A febre dos meus olhos apaziguada. Por agora.

Noutro semáforo, como estranho bicho-da-sede que sou, continuarei a procurar campos azul-alface e a beber outros pedaços de luz.

* *inédito*

Fim de tarde

Teresa Guedes*

Lavadores. A praia lava as dores. Todos os dias corro um pouco no passadiço. Exorcizo com suor a minha vida de plasticina.

Reparo nele. Estaciona o carro todos os dias à mesma hora, no mesmo sítio e olha o relógio. Sai quase a medo, constrangido.

Alguns minutos depois chega ela, ainda mais tensa, quase a subornar a sua visibilidade. Eles estão vestidos como executivos. Destoam dos fatos de treino. Dão as mãos, beijam-se, olham-se e olham em redor.

Abrando a corrida e espio. Espanta-me a mesma rotina, aflita e envergonhada, de pessoas que aparentam quarenta anos. Vidas que já foram paralelas, tangentes e agora secantes. E foi assim durante todo o inverno e primavera.

No verão ela não aparece. Ele sim, ziguezaguando na areia. O homem reconheceu-me e desvairado perguntou:

– Nunca mais viu a minha namorada?

Atabalhoei umas palavras que ele, na sua errância, não ouviu. Vi-o escrever numa das rochas algo que a distância me impediu de ver. Provavelmente o nome dela.

Recentemente, precisei de aconselhamento jurídico. Ao sair da sala de espera, vi-o passar. Reconheci o fato dos fins de tarde. Informei-me junto da funcionária da recepção que me disse ser um dos melhores advogados da cidade.

Não sosseguei, enquanto não fui correr. Vi-o naquele fim de tarde a escrever noutra rocha: DESEJO.

No dia seguinte, tive dificuldade em chegar à praia. Uma fila de carros pouco usual àquela hora.

Num muro muito branco de um condomínio sobranceiro à praia, lia-se: DES-A-MAR.

Por entre os paramédicos, consegui reconhecer o homem do fato que me era familiar.

Nunca mais corri naquela praia. Inscrevi-me num ginásio, onde os suicídios não aconteçam com cheiro a maresia, a céu aberto e ao fim da tarde.

* inédito